

Biden ignora fiascos e cita China em defesa de ‘sucesso’ da desocupação

Presidente diz que retirada do Afeganistão abre caminho para EUA lidarem com desafios futuros

Rafael Balago

WASHINGTON O presidente dos EUA, Joe Biden, fez um pronunciamento oficial nesta terça (31) para marcar o fim da saída das tropas americanas do Afeganistão, o que foi definido por ele como um “sucesso extraordinário e histórico”. Ainda que mais de 120 mil pessoas —americanos, aliados e afegãos que colaboraram com as forças ocidentais— tenham sido resgatadas em poucos dias, a retirada foi marcada por cenas de caos. Entre elas estão as de afegãos caindo de um cargueiro C-17 após se agarrarem à fuselagem na decolagem e a de moradores entregando bebês a soldados por cima do muro do aeroporto em meio às tentativas de fuga. O ápice foi o ataque terrorista que, na quinta (26), matou mais de 180 pessoas perto do aeroporto. Biden chamou a retirada de “missão de misericórdia” e destacou que 90% dos americanos que queriam sair, além de dezenas de milhares de afegãos que ajudaram os EUA, foram salvos. Ainda restam entre 100 e 200 cidadãos do país a serem resgatados, estima o

governo americano, e a saída será negociada de modo diplomático, segundo Biden, bem como a dos afegãos que ainda não conseguiram escapar. O Talibã, grupo que tomou o controle do Afeganistão, prometeu que estrangeiros e afegãos que querem deixar o país poderão fazê-lo quando o aeroporto de Cabul voltar a operar, mas ainda não está claro se a palavra será cumprida nem o que o governo americano fará em caso de desrespeito ao pacto —que receberá cobranças da comunidade internacional, segundo o presidente dos Estados Unidos. Com tom mais confiante e assertivo do que na semana passada, quando pareceu desanimado e confuso, Biden repetiu frases que tem dito nas últimas semanas: não havia outra saída a não ser cumprir o acordo de retirada das tropas do Afeganistão e a decisão ajudará o país se concentrar em desafios futuros, como a competição com a China. “Esta decisão não é apenas sobre o Afeganistão, mas encerrar uma era de grandes operações militares para reconstruir outros países”, disse. “O mundo está mudando.

Estamos engajados em uma séria competição com a China, estamos lidando com desafios com a Rússia, confrontados com ataques virtuais e proliferação nuclear. A principal missão de um presidente não é proteger a América das ameaças de 2001, mas das ameaças de 2021 e de amanhã.” “Quando eu tomei posse, em janeiro, o Talibã já controlava cerca de 50% do território afegão. Eu tinha então duas escolhas: cumprir o combinado pela administração anterior [de Donald Trump] ou enviar mais milhares de soldados americanos e ampliar essa guerra. E qual seria nosso interesse nacional nisso? Era a hora de terminar essa guerra, e eu assumo a responsabilidade pela decisão. Eu não iria estender essa guerra eterna.” Biden disse ainda que o terrorismo se espalhou pelo mundo, como uma metástase, e que a melhor forma de combatê-lo é com ações pontuais, não mais com ocupações de longo prazo para tentar reconstruir países ou estabelecer governos, como se tentou fazer no Afeganistão. “Esperávamos que as forças afegãs, que treinamos e equi-

pamos, aguentassem mais tempo. Isso não aconteceu”, disse, ecoando fala do seu primeiro pronunciamento sobre a crise, em que lavou as mãos. O que contrastou com declarações anteriores foi ter chamado a operação de sucesso. Antes, dissera que a missão não poderia ser feita “sem caos” e que não poderia garantir o resultado final dela. O pronunciamento desta terça se deu algumas horas após o último avião americano deixar Cabul, na noite de segunda (30). Biden enfrenta críticas pela forma caótica como a retirada foi feita e por o Talibã voltar ao poder. O grupo havia sido deposto pouco depois da invasão, em 2001, mas não foi eliminado por completo e retomou o controle do país —algo que Biden havia dito ter chances mínimas de acontecer. No ano passado, Trump assinou um acordo de paz com os talibãs. Biden anunciou em abril que cumpriria o trato —mas que sairia até 11 de setembro, e não na data combinada. O Talibã rasgou sua parte do acordo e iniciou uma campanha pelo interior, cooptando líderes tribais. Veio uma ação militar avassaladora contra grandes centros urbanos, que em duas semanas viu Cabul ser ocupada sem resistência, com a fuga do presidente Ashraf Ghani para Abu Dhabi. A ofensiva se deu também porque Biden antecipou a saída das tropas para 31 de agosto. Na semana anterior à queda da capital, 95% das forças americanas haviam saído. Ficaram várias questões em aberto. Uma é como se rela-

cionar com o Talibã a partir de agora. O grupo espera reconhecimento internacional de seu governo e promete agir de forma menos fundamentalista. Mas não é claro como as coisas irão funcionar na prática e que liberdades serão mantidas. Outra questão é o terrorismo, pivô da invasão em 2001. O Talibã caiu por abrigar pessoas ligadas aos ataques de 11 de Setembro, e teme-se que o novo regime possa abrir espaço para novos grupos que planejam atentados no exterior. O ataque da semana passada foi reivindicado pelo Estado Islâmico Khorasan, braço afegão do EI e rival do Talibã. Uma parceria com o grupo que hoje controla o Afeganistão para combater o terrorismo seria difícil de explicar aos que lutaram na guerra. Internamente, Biden tem outras questões a tratar. O número de casos de Covid continua aumentando, e a média de mortes diárias voltou a superar a casa de mil, com a disseminação da variante delta. Os estragos gerados pelo furacão Ida também têm ganhado espaço no noticiário, e a Suprema Corte, de maioria conservadora, tem dado decisões que desagradam ao governo. Em setembro, outros temas devem desviar o foco, como a aprovação do plano de investimentos em infraestrutura no Congresso e o pacote de programas sociais de US\$ 3,5 trilhões, também em análise. E, no dia 20, começará a aplicação da terceira dose da vacina da Covid-19 para quem se imunizou oito meses atrás.

UE faz planos para evitar refugiados

A União Europeia (UE) fará “todo o possível” para evitar que a atual situação no Afeganistão se traduza em uma nova onda de refugiados em seu território, ou na retomada de ações terroristas, afirma comunicado divulgado nesta terça-feira (31), após reunião dos ministros de Interior dos 27 países e da Comissão Europeia. A prioridade do bloco será ajudar os afegãos vulneráveis, “principalmente mulheres e crianças” em seu próprio país.



APOIADORES DO TALIBÃ FAZEM ‘ENTERRO’ SIMBÓLICO DE PAÍSES OCIDENTAIS APÓS RETIRADA DE TROPAS AMERICANAS
Multidão carregou caixões embrulhados com bandeiras dos EUA, do Reino Unido, da França e da Otan em manifestação nas ruas de Khost, no Afeganistão Reprodução/Reuters

Afegãos acordam para o primeiro ano da nova era do Talibã no poder sob medo e incertezas

Igor Gielow

SÃO PAULO No primeiro dia sem a presença de militares ocidentais em duas décadas no Afeganistão, o país acordou nesta terça (31) com medo e dúvidas acerca dos planos do renovado regime do Talibã. Os EUA finalizaram sua retirada de Cabul um minuto antes da meia-noite de segunda (16h29 em Brasília), evitando entrar no dia limite anunciado pelo presidente Joe Biden para encerrar essa operação. “Houve tiros durante toda a madrugada, com os talibãs celebrando. Ninguém falou nada, mas a TV já não exibe programas musicais”, relatou, por uma mensagem, um professor de inglês chamado Munir. Como tantos outros, talvez 250 mil pelas contas americanas, que trabalharam para ocidentais, ele pede anonimato e ainda tem esperança de fugir por terra para o Paquistão.

Pelo aeroporto da capital, a válvula de escape que registrou cenas de horror nas duas últimas semanas, o caminho está interditado. O local, último bastião ocidental em Cabul, foi ocupado pelo Talibã —apesar das promessas do grupo que retomou a cidade no dia 15, ninguém sabe quando e se haverá voos comerciais. A segunda parte do relato de Munir se repete por todo o país. A agência de notícias Reuters ouviu histórias de pessoas em Jalalabad, Ghazni e outras cidades de maior porte. Em todas elas, emissoras de TV e de rádio exercem uma autocensura ao retirar programas musicais, relatou, por uma mensagem, um professor de inglês chamado Munir. Assim, foram suspensas novelas turcas ou programas de auditório, o que se refletiu pelas ruas, com os onipresentes salões de cabeleireiro tendo fotos de mulheres nas fachadas pintadas ou rasgadas.

Mas o fato é que ninguém sabe exatamente o que fazer. Em 2001, a burca continuou a ser usada pelas mulheres em cidades como Cabul e Jalalabad, visitadas pela Folha quando o Talibã começou a retroceder sob os bombardeios. As mulheres desconheciam as verdadeiras intenções dos então novos donos do poder. Nos seus cinco anos de governo, interrompidos pela retaliação americana aos atentados do 11 de Setembro, promovidos pela Al Qaeda então escondida no Afeganistão, o Talibã impôs uma leitura radical da sharia, a lei islâmica. As mulheres não tinham liberdades civis e precisavam usar a burca, a túnica tradicional pashtun, etnia do grupo. Já os homens precisavam deixar a barba crescer, e eram espancados se não o fizessem pela temida polícia do Ministério da Promoção da Virtude e da Prevenção do Vício.

Execuções eventuais, flagelamento e várias punições como a amputação de mãos ocorriam com frequência. Até agora, apesar de o Talibã prometer moderação, os sinais ainda são preocupantes. A perseguição a cidadãos como Munir é uma realidade de muito bem documentada, e na capital espiritual do grupo, Kandahar, um decreto baniu música e apresentadoras mulheres das rádios. A capital Cabul, no foco da mídia desde que os militantes a tomaram no dia 15, parecia um laboratório dessa versão talibã teoricamente “light”. Com a simbólica imagem do último militar americano deixando o país, o general Chris Donahue sob uma lente de visão noturna embarcando no derradeiro cargueiro, sendo substituída por picapes lotadas de talibãs usando com uniformes americanos no aeroporto, a incerteza cresce.

O escrutínio ocidental após a retirada vai diminuir. Não estamos em 1996, contudo, quando o país era uma grande ruína de guerra civil e não havia água corrente, eletricidade constante, internet ou telefonia móvel confiável. As comunicações, ainda que precárias, garantirão que relatos de gente como Munir cheguem ao mundo. O que será feito deles é outra história. No campo militar, além de completar a ocupação de um aeroporto com cerca de 140 peças de equipamento destruídas pelos americanos, entre aeronaves e blindados, o Talibã enfrenta um bolsão de resistência ao norte de Cabul. É o vale de Panjshir, que nunca se rendeu ao grupo na sua primeira passagem pelo poder, sendo reduto de tadjiques e uzbeques étnicos. Segundo os rebeldes por lá, oito soldados do Talibã foram mortos após uma tentativa de invasão para testar suas defesas na entrada oeste do vale. O grupo, que também terá de lidar com a presença do Estado Islâmico afegão como ameaça, não comentou.

O Talibã herdou um arsenal bélico formidável para um grupo que está mais acostumado a usar fuzis e bombas improvisadas, incluindo muita munição, blindados e aeronaves que equipavam o Exército afegão e a sua Força Aérea. De Cabul, emergiram fotos de talibãs fazendo selfies na cabine de aeronaves, como um dos quatro C-130 Hércules dos afegãos. Segundo os EUA, esses aviões foram desabilitados para voo, provavelmente com retirada de software de controle e peças essenciais. O mesmo não ocorreu país afora, embora haja a dúvida sobre quem poderia pilotar essas aeronaves, uma vez que boa parte dos aviadores do país fugiu no começo da crise, levando 46 aparelhos (inclusive talvez 14 aviões de ataque leve brasileiros Super Tucano) para o Uzbequistão. Se o Talibã vai repetir na vida real a clássica cena em que rebeldes árabes não se entendem sobre como cuidar de detalhes como o saneamento na Damasco tomada dos turcos em “Lawrence da Arábia” (1962), isso é uma incógnita.